

DIÁRIO DE BORDO E PROCESSO FÓLIO. INSTRUMENTOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Mercedes Bêta Quintano de Carvalho Pereira dos Santos (Centro Universitário São Camilo)

GT 02 - Formação de Professores

As alunas de Pedagogia da turma de 2002, ao longo do curso, foram incentivadas a desenvolver diferentes tipos de registros, buscando resgatar suas histórias de vida escolar e pessoal, para que pudessem refletir sobre a profissão docente. Na disciplina de Prática do Ensino Fundamental, elas fizeram um caderno coletivo, nomeado **Diário de bordo**, no qual, a cada aula, uma aluna se disponibilizava a fazer os relatos das atividades do dia; e um **Processo fólío**, o próprio caderno das alunas, mas que se caracterizou como um instrumento de aprendizagem e avaliação.

Os relatos feitos pelas alunas no Diário de Bordo estavam “sistematizando” o trabalho iniciado com elas durante o segundo semestre, quando foram abordados outros tipos de registros, a colcha de retalhos e o memorial, pois o que elas escreviam no Diário evidenciava o “amadurecimento do processo de aprendizagem”.

“O registro, para mim, era algo insignificante, uma vez que não conseguia enxergar suas vantagens. Agora, durante a minha prática, sinto-me leve ao registrar tudo o que houve comigo e meus alunos diariamente. Escrevo até quem sentiu ou não dificuldade em compreender os conteúdos trabalhado.s” (L.V)

A FORMAÇÃO DOCENTE

Pensar a formação das professoras do curso de Pedagogia é um desafio constante, principalmente porque a maioria delas já exerce a função no magistério. Ao longo dos anos, formou-se o professor sob diferentes perspectivas; entre elas, Gómez (1998) destaca:

- 1- **Acadêmica** – o ensino é considerado um processo de transmissão do conhecimento e o professor, na sua formação, deveria adquirir conhecimentos suficientes das diferentes disciplinas, a fim de transmiti-los aos seus alunos quando estivesse no exercício do magistério.
- 2- **Técnica** – o ensino é considerado uma ciência aplicada e o professor, na sua formação, deveria aprender a dominar (tornar-se um técnico de) a aplicação do conhecimento científico. Mas esse conhecimento não era tão importante, e sim a técnica para ensinar o que os alunos deveriam aprender.
- 3- **Prática** – como o ensino é uma atividade complexa, a formação do professor deve se basear na aprendizagem da prática pela prática e a partir da prática. Nesta perspectiva, a formação do professor pode se dar de duas formas: de maneira **tradicional**, pela qual o bom professor tem experiência e sabe transmitir para os alunos o que ele deve aprender, e de maneira **reflexiva**, pela qual o ensino é um processo interativo e o professor é um profissional investigativo.

- 4- *De reflexão na prática para a reconstrução social* – o ensino é considerado uma atividade crítica e o professor é visto como “um profissional autônomo que reflete criticamente sobre a prática cotidiana” (Gómez, 1998, p.373) para que possa compreender o processo educacional no contexto em que ele acontece, possibilitando assim, à todas as pessoas que fazem parte do processo educativo, emanciparem-se.

Pensando a formação do professor sob a ótica da reflexão, procura-se “superar a relação linear e mecânica entre o conhecimento técnico-científico e a prática na sala de aula” (Gómez, 1998, p.365). Os registros, em suas diferentes modalidades, podem ajudar o professor a superar essa dicotomia entre teoria e prática. Para Antônio Nóvoa (1997), é importante considerar as experiências vividas pela pessoa no trabalho de formação de professores, pois elas ocorrem em três dimensões: pessoal, profissional e organizacional. Por isso, acreditamos que a prática docente é construída a partir da história de vida e vida escolar do professor, além de nele apropriar-se de “certos conhecimentos disciplinares adquiridos na Universidade” (Tardif, 2000, p.14).

Possibilitar às alunas do curso de Pedagogia a oportunidade de refletir sobre o seu processo de aprendizagem por meio do resgate de suas histórias de vida, da vida escolar e do “pensar e fazer pedagógico” de sua formação inicial propicia a elas um amadurecimento intelectual e pessoal, tornando-as mais seguras de suas práticas.

Segundo Warschauer (1993), “registrar é deixar marcas. Marcas de uma história vivida” (p.61). As marcas das histórias vividas em sala de aula e registradas no Diário de bordo e no Processofólio foram positivas, pois, ao fazerem os relatos em qualquer uma das modalidades, as alunas, além de exercitarem a escrita, perceberam-se autoras do processo pedagógico; viram-se e deixaram-se ver, e para nós, docentes, além da oportunidade de conhecê-las melhor, refletir sobre nossa prática pedagógica.

O DIÁRIO DE BORDO E O PROCESSOFÓLIO

“A professora comentou que está muito satisfeita com a qualidade dos registros, pois, segundo ela, havia ficado preocupada, quando no primeiro dia de aula, ao falar como seriam suas aulas, falou dos “tais” registros. Muitas alunas ficaram preocupadas, sem se darem conta de que o registro faz parte da nossa vida quando escrevemos um diário, quando contamos algo para alguém. Enfim, registrar é preciso” (C.O)

Acreditando que os registros são instrumentos de (trans)formação da prática docente e coerente com a minha formação e visão de um ensino de qualidade, a prática de registrar e ensinar a registrar faz parte do meu cotidiano pedagógico.

A proposta feita às alunas para elaborarmos o Diário de bordo causou certa ansiedade na maioria delas, mas o exercício da escrita transpôs essa dificuldade, isso porque “quando escrevemos desenvolvemos nossa capacidade reflexiva sobre o que sabemos e o que ainda não dominamos.”(Freire, 1996, p.6)

O Diário de bordo foi o caderno construído coletivamente, que contou a história do trabalho desenvolvido na disciplina em questão. A cada aula, uma das alunas, espontaneamente, registrou os acontecimentos, atividades e reflexões vividas por ela e pelo grupo durante a aula.

Para escrever esses relatos não lhes foi apresentado nenhum roteiro ou modelo de como deveriam ser os registros, mas leram e discutiram os textos de Antoni Zabala, no qual ele categorizou os diferentes diários, e de acordo com a sua classificação os diários podem ser:

- 1- ***Um organizador estrutural***- são os registros que não têm caráter reflexivo. O professor limita-se a transcrever a seqüência das atividades, horários, avisos, lembretes que devem acontecer durante o dia ou a semana. Esse tipo de diário pode ser caracterizado como uma “agenda didática” do professor.
- 2- ***A descrição das tarefas*** - caracteriza-se pela descrição das atividades que o professor e os alunos deverão fazer durante as aulas. Algumas atividades podem estar descritas detalhadamente ou apenas identificadas com os objetivos que o docente pretende alcançar.
- 3- ***A expressão das características dos alunos e dos próprios professores***- “são os diários que centram a atenção nos sujeitos que participam no processo didático” (1994, p.111). A preocupação é descrever as características dos alunos, suas impressões, dificuldades, avanços, como se sentem, como intervêm nas situações de sala de aula. É um diário reflexivo.
- 4- ***Do tipo misto*** – são os diários que descrevem tanto as ações do sujeito quanto as atividades, pois quem os lê tem conhecimento não só das atividades que são realizadas em sala de aula, mas também como elas acontecem e as impressões dos alunos e do professor sobre a dinâmica da sala. Esse tipo de diário favorece o processo de reflexão do professor e das pessoas que fazem parte do processo pedagógico, como o coordenador, por exemplo.

Sendo assim, as alunas foram orientadas a usufruir da liberdade da arte de escrever e registrar o que para cada uma delas foi significativo ou não na aula em que eram responsáveis pelo registro.

Nos relatos feitos por elas podemos identificar a categorização dos diários apresentada por Zabala (1994). Alguns registros são mais descritivos, a aluna limitou-se a contar o que aconteceu na aula:

“Iniciamos a aula fazendo uma roda para elaborarmos mais uma etapa do trabalho. O objetivo de todo esse esforço é que haja uma mudança de olhar diante do nosso ambiente de trabalho. Nesta aula montamos a estrutura do trabalho, como ele deve ficar no final. Ficou então para segunda- feira dia 03 de novembro, a tabulação dos dados, a construção das tabelas.

No trabalho deverá constar: capa, página de rosto, resumo, sumário, dedicatória, apresentação, introdução, metodologia, pesquisa, considerações finais, bibliografia e se quiser anexos.

Durante a explicação a professora diz para não citar nomes no trabalho, por uma questão ética e elegância.

O trabalho terá a orientação da professora Mercedes, acompanhando passo a passo de grupo em grupo, todas as etapas para que não ocorram imperfeições. Ficou então para o dia 10 de novembro a entrega da entrevistas e para o dia 14, sexta-feira, iniciaremos a estrutura do trabalho.”(A.P)

Já outros registros são mais reflexivos. Uma aluna preocupou-se não somente relatar os fatos ocorridos, mas também em pensar sobre eles:

“Iniciamos a aula com a leitura do nosso Diário de bordo, que estava um pouco atrasado. Posteriormente, a professora pediu para que abrissemos uma roda, como de costume, para tirarmos todas as dúvidas referentes ao questionário e à entrevista. (...) O que foi abordado de início pela professora foi de deixar claro que esse questionário é quantitativo e é necessário que ele seja objetivo. (...) A professora perguntou se tínhamos dúvidas em relação a aplicar o questionário e com isso nossa colega V. indagou como devemos e também com quem devemos falar na escola para podermos aplicar essa parte do trabalho. A professora colocou que essa parte é muito importante, pois devemos primeiramente pedir autorização para a direção. (...) Dessa parte foi esclarecido e partimos então para outra etapa do trabalho onde cada grupo citou a pergunta escolhida e foi onde a professora esclareceu as três questões Na minha opinião, acredito que esse trabalho ficará melhor do que estamos esperando. Então poderemos compreender melhor o nosso papel como educadoras ou futura educadora,s deixando para trás todos os medos. Como dizia Pestalozzi, o pedagogo consumado, “Educar é desenvolver progressivamente as faculdades espirituais do homem”, e é isso que eu busco.. (L.V.)

Os registros dos momentos vividos na classe apontam para o caminho que as alunas percorrem para aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver, isso porque cada uma, ao registrar, colocou a marca da individualidade, que caracteriza as necessidades que a “autora” tem no momento em que escreve no Diário de bordo, desvelando a diversidade de estilos, indicando o uso que cada uma delas faz da arte de escrever, como mostra este fragmento de registro que chega a ser “poético”:

“Para falar a verdade não vejo a hora de ver ‘meu caderninho’ (modo carinhoso que encontrei de falar) pronto como se fosse uma outra pessoa escrevendo sobre mim, pois meus registros estão ficando tão reais e documentados que tenho a impressão de que alguém me observou e relatou os fatos ocorridos.

Defino meu registro e Processofólio com uma frase de Thiago de Mello: “Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.”(V.L.)

Para utilizar o Diário de bordo como recurso didático para a aprendizagem das alunas, todo início de aula a responsável pelo registro da aula anterior lia o seu relato. No final da leitura, refletíamos sobre o que a colega havia escrito e essa estratégia didática possibilitou também conhecer melhor as alunas e repensar o plano da disciplina, isso porque a leitura dos diários propiciou à docente diagnosticar (aqui, no caso, as alunas) quais dificuldades elas enfrentavam, o processo de aprendizagem, o conflito da classe, o interesse que apresentavam pela disciplina, pois também era o momento da avaliação dos trabalhos realizados durante as aulas.

Acredito que *o registro* é um espaço de reflexão do professor, pois ele estabelece um diálogo consigo mesmo, porque coloca no papel, sem muita preocupação estética, suas impressões, dúvidas, angústias, sucessos, revê atitudes e procedimentos junto aos seus alunos e, conseqüentemente, vai contando a sua história, construída junto com a classe.

Paralelamente ao Diário de bordo foi construído o *Processofólio*, que é o caderno dos alunos caracterizado como instrumento de aprendizagem e avaliação.

O portfólio, que também é um instrumento de avaliação, é mais conhecido pelos professores. Mas, atualmente, o uso do Processofólio como estratégia de avaliação vem sendo defendido porque:

“os portfólios contêm normalmente trabalhos acabados, os processofólios, ao contrário, proporcionam um insight tanto nos processos quanto nos produtos de aprendizagem dos alunos. Eles documentam os objetivos, os rascunhos e as revisões iniciais, incluem trabalhos iniciais assim como posteriores, e podem conter as anotações do

aluno e também artigos ou fotos que influenciaram seu trabalho”(Campbell, Campbell, Dickinson, 2000, p.281-282).

Os cadernos, utilizados como instrumento de aprendizagem e avaliação, deixam de ser um simples depositário das informações recebidas do professor e passam a ser um veículo de diálogo entre o professor e o aluno sobre o processo de aprendizagem, favorecem e fortalecem o diálogo entre os atores do processo educativo, transformando “a sala de aula em laboratórios de aprendizagem que dão suporte à aquisição de novas informações e habilidades e refletem o significado do conteúdo desse curso na vida do aluno” (Campbell,Campbell, Dickinson, 2000, p.282).

No Processofólio, as alunas fizeram os registros sobre os textos lidos, exercícios, atividades propostas, resumo das aulas, avaliações e principalmente, respondiam a uma pergunta que lhes era proposta, ao final de cada aula, para que refletissem sobre seu processo de aprendizagem: *O que você aprendeu com a aula de hoje? Qual a relação você estabeleceu entre o texto lido, nossas discussões e a sua prática de sala de aula? Como você analisa, hoje, seu processo de aprendizagem na educação básica?*

Ao final do curso, as alunas me entregaram seus Processofólios (os cadernos) para que eu os lesse e pudesse avaliá-los. A avaliação desses cadernos foi qualitativa e, para isso, foram usados como critérios o nível de complexidade da reflexão e a redação. As alunas receberam a devolutiva desse trabalho por meio dos comentários que fiz sobre o processo de aprendizagem vivenciado durante as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando as alunas foram incentivadas a registrar as aulas foi realizado um trabalho objetivando fundamentar *os registros* como instrumentos de formação docente, pois a leitura desses indica como os professores pensam e propõem seus trabalhos; quais são os problemas que enfrentam durante o desenvolvimento das atividades e que solução dão para a situação apresentada; como se comunicam com seus alunos; como utilizam os recursos didáticos que têm disponíveis; e, principalmente, em que perspectiva educativa o professor (autor do relato) se fundamenta para construir o seu fazer pedagógico, favorecendo, assim, o exercício da prática reflexiva.

A reflexão é essência do trabalho docente. Sem ela as ações pedagógicas são mecânicas, destituídas de sentimento, e o sentimento permeia as relações dos docentes e seus alunos, pois, como diz Tardif (2000), “o objeto do trabalho docente que são os seres humanos (...) trazem consigo as marcas do ser humano” (p.16).

Fazer o Diário de bordo e o Processofólio possibilitou a mim e as alunas fazermos uma reflexão crítica sobre nosso trabalho pedagógico, pois estabelecemos um processo dialético, utilizando o conhecimento para descrever, analisar e rever nossas posturas e procedimentos na construção do saber. Como docente digo que pensei, formei, transformei, revi, cresci. Quantos as alunas, para mim, os registros falam por si.

BIBLIOGRAFIA

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. (2000). *Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas*. Porto Alegre. Artmed. (2ª edição.)

CARVALHO, Mercedes Betta Quintano (2001). Diário do Professor, uma história em construção. Registrar, refletir para planejar. *Páginas Abertas*. São Paulo: Paulus. n. 11, ano 27, p.11-13.

DELORS, Jacques. (1997). Educação. Um tesouro a descobrir. – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI . São Paulo. MEC/UNESCO/ Cortez.

DEMAILLY, Lise. *Modelos de formação contínua e estratégias de mudança*. In: Nóvoa, A. (org.). Os professores e a sua formação. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995. p. 139-158

FREIRE, Madalena. (1996). *Observação, registro, reflexão-instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico. (2ª edição)

FREIRE, Paulo (1998). *Pedagogia da autonomia- saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra (9ª edição).

_____.(2000) *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP.

GÓMEZ, A.I.Pérez. (1998). A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, J.Gimeno; GÓMEZ, A.I.Pérez. (1998). *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed.

NÓVOA, Antônio. (1997). Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio (org.). *Os professores e sua formação*. Portugal: Publicações Dom Quixote. (3ª edição)

TARDIF, Maurice (2000). Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários- elementos para uma epistemologia da prática dos professores e suas competências em relação à formação par ao magistério. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped. Jan/fev/mar/abr. p.5-24

WARSCHAUER, Cecília. (1993). *A roda e o registro. Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. Rio de janeiro: Paz e Terra.

ZABALZA, Miguel Angel. (1994). *Diários de aula. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.